

FACULDADE CATOLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

A IMPORTÂNCIA JESUÍTICA PARA O ENSINO SUPERIOR
BRASILEIRO E A SUA INFLUÊNCIA RELIGIOSA

LEANDRO DE CARVALHO UTIM
PRISCILLA BONFIM MONTEIRO

Anápolis – GO

2010

LEANDRO DE CARVALHO UTIM

PRISCILLA BONFIM MONTEIRO

A IMPORTÂNCIA JESUÍTICA PARA O ENSINO SUPERIOR
BRASILEIRO E A SUA INFLUÊNCIA RELIGIOSA

Artigo apresentado a coordenação
de pós graduação da faculdade
Católica de Anápolis para
aprovação no curso de Docência
Universitária.

Sob orientação da professora Me.
Edna Silva Farias

Anápolis – GO

2010

A IMPORTÂNCIA JESUÍTICA PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E A SUA INFLUÊNCIA RELIGIOSA

LEANDRO DE CARVALHO UTIM

PRISCILLA BONFIM MONTEIRO

Artigo apresentado à coordenação do curso de Especialização em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como requisito de aprovação no curso.

Anápolis – GO 2010

APROVADA EM _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Me. Edna Silva Faria

Orientadora

Professora Me. Maria Inácia Lopes

Convidada

Professor Me. Antônio Fernandes

Convidado

A IMPORTÂNCIA JESUÍTICA PARA O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E A SUA INFLUÊNCIA RELIGIOSA

Leandro de Carvalho Utim¹

Priscilla Bonfim Monteiro²

Edna Silva Farias³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e discutir a passagem da Companhia de Jesus pelo território brasileiro visando a especificar o método pedagógico e administrativo da instituição no que se diz respeito à catequização dos nativos que aqui viviam. Observando as diferenças culturais entre os europeus e os índios ressalta principalmente a dominação sofrida pelos últimos. Com o intuito de converter mais devotos à igreja Católica, os jesuítas através de uma imposição religiosa e cultural acabaram por dizimar a cultura nativa e introduzir de forma brusca o que se dizia civilização européia. É necessário, porém, ressaltar a importância da sua metodologia para a estrutura educacional brasileira que ainda faz parte de nosso currículo educacional, deixando de lamentar a perda considerável da cultura e das próprias vidas indígenas que ocupavam este território.

PALAVRAS-CHAVE: Período colonial Educação brasileira Companhia de Jesus.
ABSTRAC

This work had as objective to describe and to argue the ticket of the Company of Jesus for the Brazilian territory. Aiming at to specify the pedagogical and administrative method of the institution in what respect to the domination of the natives is said who lived here. Observing the cultural differences between the Europeans and the natives standing out mainly the domination suffered for the last ones. With intention to convert more devoted to the church Catholic, the Jesuits through a religious and cultural imposition had finished for decimating the native culture and introducing of brusque form what she said herself for European civilization. It is necessary, however, to stand out the importance of its methodology for the Brazilian education structure that still is part of our education resume. Not leaving to lament the considerable lost of the culture and the proper aboriginal lives that occupied this territory.

PALAVRAS-CHAVE: Colonial period, Brazilian education, the Company of Jesus.

1 Graduação em História, UVA – Universidade do Vale do Acaraú

2 Graduação em História, UVA – Universidade do Vale do Acaraú

3 Graduação em Letras, UEG, Mestrado e Doutora em Letras e Linguística, UFG, Professora na UFG e Anhaguera Educacional.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira teve início basicamente com a chegada dos portugueses ao Brasil, reconhecendo que estes trouxeram o sistema educacional vigente na Europa. Com a criação da Companhia de Jesus, os jesuítas usaram de métodos pedagógicos e de ensino com o intuito de transmitir seus preceitos religiosos, seus costumes e virtudes ligados à fé católica.

Ao contrário do que se pensa, o ensino jesuíta não ficou restrito somente à alfabetização e catequização dos nativos. Além do curso elementar, mantinham cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes.

Com a intenção de manter a colônia portuguesa cada vez mais dependente de sua metrópole, as universidades foram proibidas em território brasileiro, limitando os jesuítas a cursos técnicos e preparatórios para os “filhos da classe média” que tinham a oportunidade e o poder aquisitivo para irem à faculdade de Coimbra, Portugal.

I A CRIAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

A Companhia de Jesus teve sua existência conferida através do ato realizado pelo Papa Paulo III ao assinar, em 27 de setembro de 1540, a Bula *Regimini Militantis ecclesiae*, concretizando o projeto do espanhol Inácio de Loyola e alguns companheiros de fundar uma nova ordem religiosa.

A Companhia de Jesus trazia, como maior objetivo, a propagação da fé e dos dogmas cristãos. Um membro da Companhia era caracterizado como “um soldado de Deus sob a bandeira da cruz” – termo descrito na carta fundamental da ordem, redigida em 1550, denominada a Fórmula. Tendo como exemplo a trajetória de conversão de Inácio de Loyola criou-se uma idéia básica do que seria, inicialmente, o modo de ser e a vida do jesuíta: seus membros deveriam estar conscientes de que passariam grande parte de suas vidas como pregadores constantes, vivendo de

ofertas voluntárias e como residências teriam somente aquelas mantidas por esmolas denominadas casas professoras. Consolidava-se assim uma estratégia pastoril característica do catolicismo no início do período moderno, A Companhia de Jesus veio para aprimorar a chamada missão a aldeias e vilas que no século XVII foi estendida para incluir cidades e dioceses inteiras.

II OS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, os jesuítas se dedicaram à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. Perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem que soubessem ler e escrever. De Salvador, onde edificaram a primeira escola elementar brasileira, a obra jesuítica estendeu-se para o sul e, em 1570, vinte e um anos após a chegada, já era composta por cinco escolas de instrução elementar (Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia).

Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento, escrito pela Igreja Católica, o *Ratio Studiorum*. Mas em momento algum a visão dos jesuítas demonstrava alguma alteração, em relação à forma de ver os indígenas. Pois para os europeus a forma de vida dos nativos era tudo aquilo que se tornara inaceitável aos olhos da Igreja. Os nativos eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses, estes que eram na grande maioria fenômenos da natureza como o sol, a lua, a chuva, dentre outros. Cada nação indígena possuía crenças e rituais religiosos diferenciados. Porém, todas as tribos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para estes, deuses e espíritos, faziam rituais, cerimônias e festas.

O discurso universalista serviu, então, de base para que conquistadores e missionários subjugassem os cultos locais tradicionais, promovendo não só o desaparecimento das religiões tradicionais, mas também a ruína das culturas e das sociedades. Impelidos a se converterem ao cristianismo, os subjugados, quando não foram massacrados, tiveram de adotar os hábitos, o modo de produção e os sistemas simbólicos europeus. Por isso, para Hoornaert,

O indígena nunca foi “fronteira”, nunca se respeitou a sua irreduzível alteridade, pois o catolicismo que se “ampliou” ou se “dilatou” (a terminologia, “propagar”, “propagação”, é só do século XVII) era inconsciente das suas fronteiras e só considerava o outro como marginal, nunca como “outro” no sentido pleno desta palavra. Daí, o zelo quase fanático dos missionários em extirpar qualquer vestígio do que era interpretado como idolatria, barbárie, aberração da “verdadeira fé”. (HOORNAERT, 1992, p. 24-5).

Esta hegemonia que os jesuítas exerciam, não somente na vida cotidiana dos nativos, mas na ação pedagógica, pois em quinhentos anos de história da educação brasileira, duzentos e dez tiveram a condução da Companhia de Jesus, é um fato histórico. Sem esquecer outras ordens que aqui missionaram, a começar pelos franciscanos que celebraram a primeira missa, foram os padres inacianos os únicos que, por exemplo, tiveram a prerrogativa da Coroa Portuguesa para estabelecerem colégios. Seja pelas casas de bê-á-bá ou pelos colégios, a partir da chegada da Companhia, começou a ser tecido um processo de implantação de novos padrões culturais inteiramente distintos dos praticados pelos povos que aqui habitavam. Obviamente, trata-se de um processo eminentemente cultural, mas com claras vinculações políticas, pois, no caso dos jesuítas, eles forneceram as bases ideológicas necessárias para a dominação política dos colonizadores em decorrência do padroado, isto é, não havia separação entre o Estado e a Igreja Católica em Portugal. Dotada de todo este poder diante da Coroa, a ação da Igreja acaba por tornar-se uma arma fundamental e indispensável para a dominação portuguesa.

É importante citar como os jesuítas mudaram a história cultural brasileira. Com seus conceitos e hábitos a vida dos indígenas e depois a dos escravos foram alteradas drasticamente. Obrigados a praticarem a religião e vida cristã a maior parte dos conceitos e credos dos nativos foi desaparecendo da cultura brasileira. Visto como pagãos, denominação criada pela Igreja Católica para diferenciar e renegar toda manifestação religiosa que não fosse cristã, pode-se dizer que o conceito de preconceito foi se formando nesta época. Para os jesuítas, missionários da verdadeira fé, os nativos que aqui estavam eram desprovidos de alma, dignidade e cultura. Os índios eram basicamente seres que existiam por existir, sem visão de

mundo ou de trabalho, sem o conhecimento da escrita e modernidade e principalmente sem o dom da fé cristã.

III A EDUCAÇÃO SEGUNDO OS JESUÍTAS (*RATIO STUDIORUM*):

O documento publicado pelos jesuítas no ano de 1599, intitulado *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, abreviado por *Ratio Studiorum*, visava à necessidade de se passar as ordens cristãs de uma forma regular e única em todos os cantos do mundo. Mas reconhecendo o fato de algumas regiões terem características bastante peculiares era possível encontrar algumas exceções. O documento era composto de trinta conjuntos de regras aos quais enfatizavam bastante a administração e a metodologia educacional. A hierarquia entre professores e alunos era um ponto que merecia muita rigidez e ênfase nas normas. Assim a rápida expansão dos colégios da Ordem Jesuítica ao redor do mundo apresentava características próprias.

Em geral, o plano de estudos, elaborado em Messina e desenvolvido no Colégio romano, constituía a primeira norma orientadora das novas funções. A diversidade dos costumes regionais e a variedade dos homens não tardaram a introduzir-lhes alterações mais ou menos profundas. Para estabilizar o governo dos colégios adotou-se, durante algum tempo, o alvitre das visitas de Comissários Gerais, diríamos hoje de inspetores de ensino, incumbidos de manter, quando possível, a uniformidade de estrutura e desenvolver a eficiência da obra educativa da ordem. Durante quinze anos desincumbiu-se desta tarefa o infatigável P. Nadal. (FRANÇA, 1952, p.15)

Tais visitas também passaram pelo Brasil, mas pode-se observar que influenciados pela necessidade de catequização dos nativos que aqui viviam, sua rigidez parecia ser maior. Segundo França, O *Ratio Studiorum* não era somente um programa de regras claras e rígidas, mas era sim um grande método de ensino. Administrativamente a Companhia dividia-se em Províncias que englobavam várias casas e colégios e poderia ocupar território de uma nação ou apenas parte dele. O Provincial era o principal chefe dessas unidades, porém era o Reitor a figura central

dos colégios. A principal função do Provincial era zelar pelo bom andamento do trabalho dos missionários, cuidando o Reitor mais diretamente das atividades relacionadas à educação e à catequese. Este era auxiliado pelo Prefeito de Estudos, seu braço direito que acompanhava de perto toda a vida escolar. Assim, fica demonstrada minimamente, a hierarquia administrativa das instituições de ensino da Ordem. No âmbito metodológico, de modo geral, o programa educacional lançado pela Companhia de Jesus dividia-se em três períodos ou cursos: curso de Letras ou Humanidades, curso de Filosofia e Ciências, também denominado curso de Artes e o curso de Teologia ou Ciências Sagradas.

O curso elementar ensinava as primeiras letras (ler, escrever e contar) e a doutrina católica. Já o curso de humanidades, ministrado em latim, de 2 anos de duração, abrangia o ensino de gramática, da retórica e das humanidades. O ensino das línguas grega e hebraica foi substituído pelo tupi-guarani, facilitando a ação das missões. O curso de artes (ciências naturais ou filosofia) durava 3 anos. Nele ensinava lógica, física, matemática, ética e metafísica; formando bacharéis e licenciados. Este curso era propedêutico¹, os cursos universitários de Coimbra: direito, medicina, cânones. O curso de teologia, de quatro anos de duração conferia o grau de doutor, e estudava a teologia moral e a teologia especulativa (dogmas católicos). Dentre os 17 colégios jesuítas no Brasil colônia, todos, além dos seminários, tinham cursos elementares, boa parte oferecia curso de humanidades e apenas 8 tinham cursos de artes e teologia. Os cursos de humanidade e de artes eram destinados a formar padres e a elite dirigente local de dependência. Além disso, o curso de artes preparava para o ingresso nos cursos profissionais da Universidade de Coimbra. Cursos estes que formavam médicos, cânones e advogados, uma elite de doutores que comandaram a política brasileira.

Apesar de a educação estar nas mãos dos religiosos, os colégios eram públicos porque sua atividade era subsidiada pelo Estado.

IV *RATIO STUDIORUM* ADAPTADO À REALIDADE BRASILEIRA NOS SÉCULOS XVI E XVII:

Quando os jesuítas chegaram ao território brasileiro se deparam com uma

¹propedêutico é o método que serve de introdução; que prepara ou habilita para servir ensino mais completo.

realidade completamente diferente do que eles estavam acostumados, tanto no âmbito educacional como religioso e social.

Encontraram aqui uma nação sem os conhecimentos de uma vida tida como civilizada, completamente pagãos e fora dos padrões de vida europeus. Logo de início já perceberam que aqui não deveria somente abrir as exceções prescritas na construção do *Ratio Studiorum*, era preciso inovar, enquadrar as normas para que o objetivo primordial fosse alcançado à conversão dos pagãos² à fé cristã.

O que pode ser considerado como uma das primeiras concessões feitas pelos jesuítas foi a busca em aprender a língua nativa. Assim, Prado explica que ao ver a necessidade de comunicação entre indígenas e jesuítas várias orações e músicas foram transcritas para a língua nativa assim como a criação de uma gramática que facilitava o contato dos jesuítas com a nova cultura. Pregações na denominada “língua geral”, conhecimento da cultura nativa e busca de aproximação entre esta e a cultura europeia, cura dos índios adoentados, tolerância e adaptação de ritos sacramentais, foram essas as principais inovações buscadas pelos jesuítas para auxiliarem na conversão dos indígenas.

Assim, mestres como Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Antônio Vieira utilizavam de mitos contados pelos nativos para inserir às passagens bíblicas a vida dos índios. Os jesuítas encontravam semelhanças como a crença na imortalidade da alma, o entendimento indígena sobre a concepção do bem e do mal. Porém, todos os esforços não surtiam os efeitos desejados, mesmo quando pareciam aceitar a fé católica, os indígenas seguiam praticando seus antigos costumes, julgados altamente pecaminosos pelos jesuítas.

A alternativa encontrada foi ceder mais ainda, adaptando alguns ritos sacramentais da Igreja, tais como o batismo, a missa e o casamento, tolerar alguns costumes indígenas menos prejudiciais, além de curar certas doenças desconhecidas pelos pajés, passando por cima da autoridade deste e conquistando a confiança de grupos inteiros.

Então os jesuítas passam a dominar os índios por todos os lados, infiltrando assim toda a cultura e modos europeus, principalmente a fé cristã.

² pessoa adepta de religião politeísta, ou que não reconhece o batismo.

Alguns aspectos encontrados na forma metodológica em que os jesuítas passavam os conhecimentos aos índios mereciam destaque como a busca de compreensão da alma humana e o amor próprio. Havia competições entre os índios com premiações e ganho de medalhas; os conteúdos deveriam focar em primeiro lugar as letras latinas e gregas, para facilitar a compreensão e posteriormente a leitura, logo depois se inseriam as ciências; a implantação do teatro como estratégia pedagógica, onde o texto deveria ser interpretado somente na língua latina; o horário deveria ser fixo e rígido, sendo duas horas e meia de estudo no período da manhã e o mesmo no período da tarde; e o ensino religioso como base fundamental da aplicação do método de formação, mostrando aos nativos que o homem não é apenas um animal cheio de necessidades físicas e sim um ser enviado por Deus com destinos sobrenaturais, segundo as ideologias cristãs jesuíticas.

Em relação ao próprio método educacional jesuítico devem-se destacar, também, duas adaptações feitas pelos jesuítas ao conhecer a realidade brasileira. A primeira foi a separação de níveis de conhecimento separando assim as classes de escritas, leituras e contos e a implantação dos aldeamentos e dos níveis educacionais nas casas e colégios dirigidos pelos inacianos. Esta política dos aldeamentos foi uma solução apresentada por volta de 1556 pelo chefe da missão brasileira, Manuel da Nóbrega, com o intuito de solucionar o problema da cristianização, que até então não tinha encontrado o êxito desejado. O tipo de aldeia apresentado pelo regimento pode não ser o mesmo que depois se implantou, no entanto, em ambos se encontra como base a necessidade de sujeição do índio. Assim os índios permaneciam todos em um mesmo local facilitando assim o cumprimento das aulas e permaneciam também afastados dos colonos dando um ar de superioridade da metrópole.

No regime de Tomé de Souza consta:

E assim ordenarei que nas ditas vilas e povoações se faça em um dia de cada semana, ou mais se vos parecerem necessário, feira a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem e comprar o que houverem mister, e assim ordenareis que os cristãos não vão as aldeias dos gentios a tratar com eles.

Com a criação das aldeias não eram mais os missionários que se deslocavam na mata em busca dos nativos e sim estes que eram levados a um lugar em comum. Os índios eram acompanhados de soldados para que não ocorressem fugas e empecilhos, em caso de resistência os nativos eram sujeitos a severas punições impostas pelo Regimento de Tomé de Souza. A partir do momento que os indígenas aceitassem viver nas aldeias organizadas pelos jesuítas, passariam a ter uma vida sedentária, longe da nudez, além de estarem sujeitos às mesmas leis que os demais colonos. Além de se submeterem a uma disciplina militar, conviviam índios das mais diferentes raças, até mesmo inimigos dividiam o mesmo espaço.

Os aldeamentos podem ser vistos como mais uma das estratégias de homogeneização. Após a implantação dos aldeamentos, os membros da Companhia se envolveram intensamente na administração desses novos espaços de catequese, acreditando ser a melhor solução para os indígenas, os colonos e os clérigos. Nessas localidades, os jesuítas poderiam catequizar os nativos mais rapidamente, isolando-os dos maus exemplos e exploração dos colonos, além de limitar o espaço físico que ocupariam, liberando áreas para a agricultura e a expansão das vilas e cidades, adequando-os às formas civilizadas de economia e convívio social.

Não se pode, então, esquecer ou simplesmente ignorar o que foi na verdade a passagem dos jesuítas pelo Brasil. É verdade que sua metodologia e forma de ensino europeu geraram as bases do nosso próprio ensino atual, mas a forma como esse ensino foi inserido aos nativos não foi de grande honestidade. Vinculados à ideia da contrarreforma os jesuítas em momento algum se esqueceram dos objetivos religiosos que os mandaram para nosso território. Em nenhuma ação pensaram no bem estar e preservação dessa nova cultura que descobriram aqui, mas pelo contrário, tentaram rapidamente por massacrá-la. Assim movidos pelo ideal de converter cada vez mais adeptos para a Igreja Católica os jesuítas aos poucos foram eliminando a cultura indígena de seus próprios criadores, fazendo com que o Brasil tornasse cada vez mais homogêneo.

Os jesuítas permaneceram como mentores da educação brasileira durante duzentos e dez anos, até 1759, quando foram expulsos de todas as colônias portuguesas por decisão de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal de 1750 a 1777. No momento da expulsão os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários

menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tentou mostrar a importância de se conhecer o mais verdadeiramente possível a passagem dos jesuítas pelo Brasil, mostrando a educação jesuítica de forma administrativa e metodológica, através de um aparato de dados, informações e conclusões tiradas de um estudo sobre o tema. Não querendo de forma alguma distorcer ou passar de forma tendenciosa os acontecimentos ocorridos no país no período em que os jesuítas estiveram no Brasil, mas tentar mostrar dois lados de uma história pouco dita e pouco lembrada.

Pode-se dizer que a experiência adquirida pela Ordem jesuítica no território brasileiro foi de grande importância para a conclusão final *do Ratio Studiorum*. Neste território, os jesuítas se depararam com uma sociedade jamais vista ou estudada pelos religiosos europeus. Aqui a conversão e mudança de hábitos não eram tão simples e eficaz como havia conhecimento. Mas infelizmente essa diferença de credo, cultura e vivência foi vista, aos olhos dos europeus, como uma forma de atraso social, que deveria ser modificada ou extinguida.

Já para a educação brasileira, ficou enraizada toda a pedagogia e parâmetros educacionais que eram utilizados na Europa e que acabaram sendo incorporados pela, até então, América portuguesa, transformando a cultura, a língua e a religião local. Sendo que a educação superior brasileira continua, até os dias atuais, totalmente influenciadas pelo caráter metodológico e até mesmo religioso do modelo jesuítico construído no século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARCERES, F. *História Geral*. São Paulo: Editora moderna, 1996.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2002.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*, formação da família brasileira, sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo. Global, 2003.

FRANÇA, L. *O Método Pedagógico Jesuítico. O “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro: Agir, 1952, p.15

HOORNAERT, Eduardo. “A Evangelização do Brasil Durante a Primeira Época Colonial”. In: HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando, GRIJP, Klaus van der et al. *História da Igreja no Brasil (primeira época)*. 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1992. Tomo II/1, p. 21-154.

PRADO, Caio Jr. *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1977.